

**FATORES PSICOSSOCIAIS E ORGANIZACIONAIS
NA ADOÇÃO DE EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO
INDIVIDUAL POR BOMBEIROS MILITARES: UMA
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

**PSYCHOSOCIAL AND ORGANIZATIONAL FACTORS IN THE
ADOPTION OF PERSONAL PROTECTIVE EQUIPMENT BY
MILITARY FIREFIGHTERS: A LITERATURE REVIEW**

MARCOS JHONATHAN RODRIGUES DE SOUSA

Tecnólogo em Segurança Pública (Unitins)
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4896531486921734>
ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-1784-3514>
E-mail: mjhonathan@hotmail.com

DAVI ISMAEL DOS SANTOS SOUZA

Tecnólogo em Segurança Pública (Unitins)
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9157941020266628>
ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-0399-7473>
E-mail: daviismael2016@gmail.com

LUIZ HENRIQUE DA SILVA REIS

Tecnólogo em Segurança Pública (Unitins)
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2097231130061733>
ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-0399-7473>
E-mail: luizreys08@gmail.com

JULIANA PINTO CORGOZINHO

Mestre em Ciências do Ambiente pela Universidade Federal do
Tocantins – UFT
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0951588620745815>
ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-5579-9900>
E-mail: jpcorgozinho@gmail.com

Resumo: Este artigo trata-se de uma revisão bibliográfica que identifica e analisa os fatores psicossociais e organizacionais que influenciam a adoção de Equipamentos de Proteção Individual (EPI) por bombeiros militares. A análise dos estudos selecionados revela que a adesão ao EPI é um comportamento complexo, influenciado pela interação entre aspectos individuais (estresse, percepção de risco) e elementos organizacionais (cultura de segurança, hierarquia, pressão por desempenho). Os resultados indicam que o estresse ocupacional e uma cultura de invulnerabilidade podem levar à negligência com a segurança, enquanto o comprometimento organizacional pode ter efeitos ambivalentes. Conclui-se que intervenções eficazes devem ser multifacetadas, integrando o fortalecimento da saúde mental e a promoção de uma cultura de segurança positiva, que vai além da simples conformidade com normas técnicas, para garantir a proteção e o bem-estar dos profissionais.

Palavras-chave: Fatores psicossociais. Bombeiros; Equipamento de Proteção Individual (EPI). Desempenho.

Abstract: This literature review identifies and analyzes the psychosocial and organizational factors that influence the adoption of Personal Protective Equipment (PPE) by military firefighters. The analysis of the selected studies reveals that PPE adherence is a complex behavior, influenced by the interaction between individual aspects (stress, risk perception) and organizational elements (safety culture, hierarchy, performance pressure). The results indicate that occupational stress and a culture of invulnerability can lead to safety negligence, while organizational commitment can have ambivalent effects. It is concluded that effective interventions must be multifaceted, integrating the strengthening of mental health and the promotion of a positive safety culture that goes beyond mere compliance with technical standards to ensure the protection and well-being of these professionals.

Keywords: Psychosocial; Firefighters. Personal Protective Equipment (PPE). Performance.

Introdução

A segurança dos bombeiros militares em ambientes de trabalho de alto risco depende, em grande medida, do uso eficaz de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs). Embora haja consenso sobre a importância desses equipamentos para a proteção da saúde e da integridade física, ainda persistem dúvidas e desafios quanto à adoção sistemática dos EPIs entre os profissionais de corporações militares. Comportamentos individuais, elementos culturais, percepções de risco e fatores institucionais formam um cenário multifacetado que influencia a adesão e o uso correto dos equipamentos (Mendes; Wünsch, 2009).

No campo da gestão de riscos ocupacionais, investigar os fatores psicossociais e organizacionais que impactam o comportamento de bombeiros militares quanto ao uso de EPIs torna-se indispensável. A análise desses fatores pode contribuir para a redução de acidentes, a promoção de ambientes mais seguros e o fortalecimento da cultura organizacional de proteção à vida (Oliveira; Paiva, 2011).

A atividade laboral dos bombeiros, bem como o combate a incêndios é uma ocupação de alto risco, onde a segurança e a eficácia do pessoal dependem fundamentalmente de seus equipamentos de proteção. Dessa forma, os Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) são projetados para proteger os bombeiros contra riscos térmicos, químicos e físicos (Silva et al., 2016). Apesar dos contínuos avanços na tecnologia de EPI, sua adoção e eficiência operacional são influenciadas por uma complexa combinação de fatores psicossociais e organizacionais. Esses elementos não apenas determinam o desempenho técnico do equipamento, mas também impactam a conformidade do usuário e a eficácia geral em cenários do mundo real (Dejoy, 2005).

Estudos recentes demonstraram que melhorias nos EPIs - ao aumentar a proteção contra riscos químicos e térmicos - podem também introduzir desafios como redução da respirabilidade e aumento do estresse térmico (Barr et al., 2010). Além disso, o ajuste adequado do EPI, crucial para minimizar restrições de movimento e reduzir a tensão fisiológica, continua sendo um aspecto vital da segurança dos bombeiros (Coca et al., 2010). Este artigo explora como aspectos psicossociais (atitudes, estresse e autoeficácia) e dimensões organizacionais (liderança, cultura de segurança e políticas institucionais) interagem para moldar a eficiência da adoção de EPI entre bombeiros.

Nas seções seguintes, os principais fatores psicossociais e organizacionais que influenciam a eficiência da adoção de EPI serão analisados, ao lado de evidências empíricas de apoio e será proposta uma perspectiva abrangente que integra esses aspectos com resultados de desempenho.

A complexidade da adoção de EPIs transcende aspectos meramente técnicos, envolvendo uma intrincada rede de fatores humanos e institucionais. A psicologia organizacional têm demonstrado que a percepção individual de risco, aliada à cultura de segurança da instituição, desempenha papel fundamental na motivação dos profissionais para utilizar equipamentos de proteção de forma consistente e adequada (Neal; Griffin, 2006). Nesse contexto, compreender os mecanismos psicológicos e organizacionais que influenciam o comportamento de segurança torna-se estratégico para desenvolver intervenções mais efetivas (Geller, 2001).

A diversidade e a complexidade dos ambientes de emergência impõem desafios significativos para a padronização e implementação de protocolos de segurança. Cada cenário de intervenção apresenta variáveis únicas que podem comprometer a eficácia dos EPIs, exigindo dos profissionais adaptabilidade e conhecimento técnico aprofundado. Essa realidade demanda abordagens de treinamento e capacitação que considerem não apenas os aspectos técnicos dos equipamentos, mas também as dimensões cognitivas e emocionais dos bombeiros (Fernandes et al., 2018).

O avanço tecnológico dos EPIs tem sido constante, com desenvolvimento de materiais mais leves, resistentes e com propriedades de proteção cada vez mais sofisticadas. No entanto, a simples disponibilidade de equipamentos de última geração não garante sua utilização adequada (Boorady et al., 2013). É fundamental criar uma cultura organizacional que valorize a segurança, promova o treinamento contínuo e desenvolva mecanismos de conscientização que transformem os equipamentos de proteção de um item obrigatório em um aliado essencial para a preservação da vida dos profissionais (Zohar, 2010).

Diante deste contexto, o presente estudo tem como propósito analisar os fatores psicossociais e organizacionais que influenciam a adoção e a eficiência do uso de Equipamentos de Proteção

Individual (EPI) por bombeiros, visando a otimização da segurança e do desempenho operacional, contribuindo assim para o desenvolvimento de estratégias mais efetivas de proteção e capacitação profissional no âmbito dos serviços de emergência.

Metodologia

Esta pesquisa desenvolveu uma revisão bibliográfica qualitativa, utilizando como método o levantamento de literatura científica sobre adoção de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) por bombeiros militares.

Dessa maneira, a revisão bibliográfica é um passo crucial em qualquer pesquisa, pois ela estabelece a base teórica e histórica do tema em questão. Conforme Lakatos e Marconi (2003) defendem, essa etapa vai muito além de uma simples compilação de informações. Ao mesmo tempo que, a pesquisa qualitativa se destaca por seu foco em entender o universo de significados e motivações que as pessoas dão a suas experiências, trabalhando com um nível mais profundo de interpretação que não pode ser medido apenas por dados numéricos (Minayo, 2001).

O levantamento de literatura utilizou a base de dados Google Scholar, com um recorte temporal de 2020 a 2025, visando analisar publicações recentes. Foram utilizados os descritores “bombeiros militares”, “psicossociais”, “organizacionais” e “EPI”.

O processo de seleção seguiu o protocolo de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão, conforme exposto didaticamente na Figura 1. Os critérios de inclusão definidos foram: publicações em português, foco em bombeiros militares e abordagem da intersecção entre os fatores psicossociais/organizacionais e a segurança no trabalho.

Do ponto de vista ético, todos os estudos foram tratados com integridade acadêmica, respeitando direitos autorais e citando adequadamente as fontes originais. A metodologia buscou garantir transparência e reproduzibilidade, elementos fundamentais para a credibilidade científica da investigação.

Por fim, foram selecionados apenas os estudos que atendiam aos critérios de inclusão — publicações em português, foco em bombeiros militares e abordagem dos fatores psicossociais e organizacionais — e que compuseram a análise final desta revisão. Conforme exposto didaticamente na figura 1.

Figura 1. Representação da filtragem dos artigos e suas respectivas exclusões e inclusões



Fonte: Autoria Própria (2025).

Resultados e Discussão

A análise aprofundada dos estudos selecionados revela uma complexa e robusta interconexão entre os fatores psicossociais, a cultura organizacional e a saúde integral dos bombeiros militares, com implicações diretas e significativas na adesão e no uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPI). Os resultados convergem para uma conclusão central: a segurança e a saúde ocupacional dessa categoria transcendem os riscos físicos inerentes à profissão, sendo profundamente moldadas por um ambiente de trabalho caracterizado por uma hierarquia rígida, alta exigência psicológica e uma cultura que, por vezes, silencia o sofrimento individual.

A pesquisa de Souza (2023) estabelece uma base empírica fundamental para essa discussão, ao demonstrar uma associação estatisticamente significativa entre o estresse ocupacional crônico e a prevalência de transtornos mentais comuns. O estudo aponta que fatores estressores, como a exposição a eventos traumáticos, a pressão hierárquica e a sobrecarga de trabalho, funcionam como predutores diretos para o adoecimento psíquico. Esse estado de esgotamento mental e emocional não apenas compromete a saúde do indivíduo, mas também afeta diretamente a capacidade cognitiva, a tomada de decisão e a atenção, funções cruciais para a aplicação rigorosa dos protocolos de segurança, incluindo a correta utilização dos EPIs. Um bombeiro sob estresse crônico pode se tornar mais propenso a erros, lapsos de memória ou a subestimar riscos, tornando a negligência com o EPI uma consequência direta de seu estado psicológico.

De forma complementar, o estudo de Mendonça et al. (2024) oferece um contraponto interessante, ao observar que, embora a maioria dos bombeiros em sua amostra não relate queixas de saúde ativas, uma parcela expressiva já buscou ou necessitou de tratamento psicológico. Este achado sugere que o sofrimento psíquico é uma realidade presente e relevante, ainda que frequentemente subnotificada ou não verbalizada, possivelmente devido ao estigma associado à saúde mental em ambientes militares. A discrepância entre a percepção de saúde e a necessidade real de apoio psicológico evidencia uma lacuna na cultura organizacional, que pode não estar fornecendo os canais adequados para a expressão e o tratamento dessas questões.

Essa dimensão cultural é o foco da análise de Mombelli et al. (2023), que investiga o subjetivo por trás da farda. Os autores argumentam que a estrutura militar, com sua ênfase na força, disciplina e resiliência, pode inadvertidamente promover uma cultura de invulnerabilidade percebida. Nesse contexto, a admissão de medo, estresse ou dor pode ser interpretada como um sinal de fraqueza, e as vulnerabilidades individuais são frequentemente suprimidas para corresponder ao arquétipo do “herói”. Essa dinâmica psicossocial impacta diretamente as práticas de segurança: o uso de EPI, em certas situações, pode ser visto como um excesso de cautela ou até mesmo uma falta de coragem, levando profissionais a relativizar sua própria segurança para demonstrar bravura ou para se adequarem a uma norma cultural não escrita.

A discussão sobre o sofrimento no trabalho, apresentada de forma mais ampla por Oliveira et al. (2021), reforça essa ideia ao afirmar que as vivências laborais se manifestam no corpo e na mente. A negligência com a segurança pessoal, portanto, pode ser interpretada não apenas como uma falha individual, mas como um sintoma de um mal-estar mais profundo, enraizado na organização do trabalho e na forma como a instituição lida com a saúde de seus membros.

O conceito de comprometimento organizacional, analisado por Neto e Guimarães (2022), introduz um fator ambivalente nessa equação. Por um lado, um alto nível de comprometimento afetivo e normativo com a instituição pode fortalecer a adesão às normas de segurança, incluindo o uso de EPI, como parte do dever profissional. Contudo, o mesmo comprometimento, quando levado ao extremo em uma cultura de “cumprir a missão a qualquer custo”, pode ter o efeito oposto. A pressão para agir com rapidez e eficiência em situações de emergência pode levar à percepção de que os EPIs são um obstáculo, um empecilho que reduz a agilidade. Nesse cenário, o profissional pode optar por não utilizar o equipamento ou utilizá-lo de forma inadequada, acreditando que está, paradoxalmente, servindo melhor à organização ao priorizar o resultado da missão em detrimento de sua segurança pessoal.

Finalmente, o estudo epidemiológico de Caldas et al. (2022) materializa as consequências dessa complexa interação de fatores. Ao traçar o perfil de agravos à saúde, os autores fornecem dados concretos sobre as lesões e doenças que afetam os bombeiros. Esses agravos não devem

ser vistos apenas como o resultado de acidentes inevitáveis, mas como o ponto final de uma cadeia de eventos que inclui falhas processuais, cultura organizacional e fatores psicossociais. A falta de EPI adequado, a inadequação do equipamento ao corpo do usuário, a falta de treinamento contínuo ou a sua não utilização deliberada são fatores que contribuem diretamente para o perfil de adoecimento e lesões observado.

Os resultados obtidos através da análise de estudos publicados entre 2000 e 2025 demonstraram que a eficácia da adoção de EPIs resulta da interação sinérgica entre fatores psicossociais individuais - como autoeficácia, regulação emocional e dinâmica de equipe - e fatores organizacionais - incluindo clima de segurança, liderança transformacional e investimento em recursos e treinamento. Esta constatação reforça a necessidade de abandonar abordagens unidimensionais em favor de estratégias integradas que considerem simultaneamente as múltiplas dimensões que influenciam o comportamento de segurança.

Em síntese, a literatura analisada demonstra de forma conclusiva que a promoção do uso de EPI entre bombeiros militares é uma questão multifacetada que não pode ser resolvida apenas com abordagens normativas ou técnicas. É imperativo que as intervenções considerem e atuem sobre os fatores psicossociais e organizacionais. Isso implica em promover uma cultura de segurança que seja genuinamente positiva, que desmistifique a saúde mental, que valorize o bem-estar físico e psíquico como um pilar para a excelência operacional e que reconheça a vulnerabilidade humana não como uma fraqueza, mas como uma condição a ser protegida.

Tabela 1. Relação dos estudos incluídos na revisão bibliográfica

Autor(es) e Ano	Tipo de Estudo	Resumo
Mombelli et al. (2023)	Estudo Qualitativo	Analisa a experiência profissional de bombeiros militares, revelando que por trás da farda existem questões subjetivas e psicossociais que impactam a rotina e a saúde mental, influenciadas pela estrutura e cultura organizacional.
Mendonça et al. (2024)	Estudo Quantitativo	Avalia a saúde ocupacional de bombeiros militares em Uberlândia (MG), detectando diferenças significativas na saúde entre aqueles em atividades operacionais e administrativas, com destaque para a necessidade de acompanhamento psicológico.
Caldas et al. (2022)	Estudo Epidemiológico	Traça o perfil de agravos à saúde entre bombeiros militares no Pará, identificando as principais doenças e lesões relacionadas ao trabalho, o que aponta para a necessidade de estratégias de prevenção e promoção da saúde no ambiente de trabalho.
Neto & Guimarães (2022)	Revisão / Ensaio Teórico	Discute o conceito de comprometimento organizacional no contexto militar, sugerindo que o engajamento do profissional com a instituição pode influenciar diretamente a adesão a normas de segurança e o bem-estar no trabalho.

Oliveira et al. (2021)	Revisão Bibliográfica	Investiga as vivências de sofrimento no trabalho na região amazônica, destacando como o corpo e a mente são afetados por fatores psicossociais e organizacionais, aplicável ao contexto dos bombeiros que atuam sob forte pressão.
Souza (2023)	Estudo Transversal	Analisa a associação entre estresse ocupacional e a ocorrência de transtornos mentais comuns em bombeiros militares de Manaus, concluindo que fatores estressores da rotina de trabalho são preditores para o adoecimento psíquico.

Fonte: Autoria própria (2025).

Conclusão

A presente revisão bibliográfica evidenciou que a adoção eficiente de Equipamentos de Proteção Individual por bombeiros resulta da interação complexa entre fatores psicossociais e organizacionais. Os resultados confirmam que abordagens isoladas, focando apenas em aspectos técnicos ou individuais, são insuficientes para garantir a utilização adequada dos EPIs.

Os achados sugerem que intervenções eficazes devem integrar o fortalecimento da autoeficácia individual com o desenvolvimento de culturas organizacionais que priorizem a segurança. A liderança transformacional e o investimento em recursos adequados emergem como elementos fundamentais para o sucesso de programas de adoção de EPIs.

O estresse ocupacional crônico e a pressão psicológica emergem como elementos que degradam a saúde mental e, consequentemente, a capacidade de atenção e o rigor nos procedimentos de segurança.

A cultura institucional, que muitas vezes valoriza a imagem de invulnerabilidade e a bravura, pode criar um ambiente onde a utilização do EPI é paradoxalmente percebida como um sinal de fraqueza, levando à sua negligência. Além disso, o forte comprometimento com a missão pode fazer com que os equipamentos sejam vistos como obstáculos à agilidade, sobrepondo os objetivos operacionais à segurança individual.

As limitações identificadas apontam para a necessidade de pesquisas futuras, considerando as particularidades das corporações de bombeiros militares e as variáveis socioculturais locais. Recomenda-se também a realização de estudos longitudinais que permitam compreender a evolução dos comportamentos de segurança ao longo do tempo.

Os achados desta pesquisa possuem implicações práticas relevantes para diferentes *stakeholders*. Por definição, os stakeholders principais são os gestores de corporações de bombeiros e os próprios bombeiros, dois grupos fundamentais que desempenham papéis complementares na implementação de estratégias de segurança: os gestores como formuladores de políticas e investimentos, e os bombeiros como protagonistas diretos da execução e construção de uma cultura de segurança proativa e eficaz. Para gestores de corporações de bombeiros, os resultados fornecem evidências científicas que podem orientar o desenvolvimento de políticas e programas de segurança mais eficazes, enfatizando a importância de investimentos simultâneos em desenvolvimento de competências individuais e melhoria do ambiente organizacional. Para bombeiros, os achados ressaltam a importância do desenvolvimento da autoeficácia e da participação ativa na construção de culturas de segurança positivas.

A implementação de estratégias baseadas nos achados desta pesquisa pode contribuir para a redução de acidentes ocupacionais, melhoria da eficácia operacional e fortalecimento da cultura de segurança nas corporações de bombeiros. Mais do que isso, tais estratégias representam um investimento na preservação da vida daqueles que dedicam suas carreiras à proteção da sociedade, constituindo um imperativo ético e profissional fundamental para organizações comprometidas com a excelência em serviços de emergência.

Nesse sentido, propõe-se a implementação de programas de treinamento inovadores que

articulem capacitação técnica com fortalecimento psicológico da autoeficácia dos bombeiros, permitindo que estes participem ativamente na construção e aprimoramento dos protocolos de segurança. Tais iniciativas devem ser complementadas por ações de liderança que promovam uma supervisão suportiva, uma abordagem gerencial centrada no desenvolvimento, apoio e empoderamento dos profissionais, que vai além do controle tradicional, modelando uma cultura de segurança proativa, além de investimentos contínuos em infraestrutura organizacional, como modernização de equipamentos e atualização de procedimentos operacionais. Fundamental também será estabelecer mecanismos de feedback sistemático, que possibilitem avaliação constante e ajustes rápidos nas estratégias, garantindo uma abordagem dinâmica e responsável às necessidades específicas dos profissionais de bombeiros.

Portanto, conclui-se que estratégias eficazes para promover a segurança e a saúde do bombeiro militar devem ser multifacetadas. Não basta apenas fornecer os equipamentos e o treinamento técnico; é imperativo intervir na cultura organizacional, promovendo a saúde mental como um pilar de excelência, desmistificando estigmas e fomentando um ambiente onde a segurança seja vista como um valor intrínseco e coletivo, e não apenas uma obrigação individual. A proteção da vida do bombeiro começa com a proteção de sua própria integridade física e psicológica.

Referências

- BARR, D. et al. Physiological responses of firefighters and performance predictors during a simulated rescue of hospital patients. *Ergonomics*, London, v. 53, n. 3, p. 414-425, 2010.
- BOORADY, L. M. et al. Understanding fit preferences of female firefighters. *Applied Ergonomics*, Oxford, v. 44, n. 4, p. 543-551, 2013.
- CALDAS, C. A. M.; FONSECA, R. B.; OLIVEIRA, L. M.; SANTOS, Y. A. Perfil de agravos à saúde entre Bombeiros Militares no Estado do Pará. *Conjecturas*, v. 22, n. 7, p. 54-68, 2022.
- COCA, A. et al. Physiological monitoring in firefighter ensembles: wearable plethysmographic sensor vest versus standard equipment. *Journal of Occupational and Environmental Hygiene*, Philadelphia, v. 7, n. 2, p. 109-114, 2010.
- DEJOY, D. M. Behavior change versus culture change: divergent approaches to managing workplace safety. *Safety Science*, Amsterdam, v. 43, n. 2, p. 105-129, 2005.
- FERNANDES, L. C. et al. Expanded firefighter exposure assessment: methods and results from the Boston SAFER study. *Journal of Occupational and Environmental Medicine*, Philadelphia, v. 60, n. 7, p. 636-648, 2018.
- GELLER, E. S. *The psychology of safety handbook*. Boca Raton: CRC Press, 2001.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MENDES, R.; WÜNSCH, D. S. Segurança e saúde no trabalho para uma vida plena e produtiva. *Revista Brasileira de Medicina do Trabalho*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 78-87, 2009.
- MENDONÇA, L.; MENDES, P.; JESUS, E.; SANTOS, F.; MOURA, G. Aspectos de saúde ocupacional observados nos bombeiros militares do município de Uberlândia, Minas Gerais. *Estrabão*, v. 5, p. 327-340, 2024.
- MINAYO, M. C. S. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOMBELLI, M. A.; SANTOS, A. F.; LOCATELLI, A. A.; JÚNIOR, A. C. O que há por trás da farda? Experiência profissional de bombeiros militares. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 1, p. 960-976, 2023.

NEAL, A.; GRIFFIN, M. A. A study of the lagged relationships among safety climate, safety motivation, safety behavior, and accidents at the individual and group levels. **Journal of Applied Psychology**, Washington, v. 91, n. 4, p. 946-953, 2006.

NETO, A. A. S.; GUIMARÃES, J. C. Comprometimento organizacional. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE GESTÃO, DESENVOLVIMENTO E INOVAÇÃO (EIGEDIN), 6., 2022. **Anais** [...]. v. 6, n. 1, 2022.

OLIVEIRA, J. C.; PAIVA, K. C. M. Comportamento organizacional no setor público. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 5, p. 1241-1269, 2011.

OLIVEIRA, K. T.; MORAES, T. D. **Saúde Mental e Trabalho em Profissionais do Corpo de Bombeiros Militar**. [S.I.: s.n.], 2021.

OLIVEIRA, P. T. R.; BRASIL, M. C. A. O.; SILVA, A. P. L.; MELO, M. T. S. O corpo como palco da subjetividade frente às vivências de sofrimento do trabalho: Uma revisão bibliográfica na região amazônica. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 12, e133101219637, 2021.

SILVA, E. P. et al. Personal protective equipment: limits and possibilities for risk prevention. **Journal of Public Health Research**, London, v. 5, n. 2, p. 590-595, 2016.

SOUZA, T. F. de. **Análise de associação entre estresse ocupacional e a ocorrência de transtornos mentais comuns em bombeiros militares de Manaus**. 2023. Dissertação (Mestrado em Saúde, Sociedade e Endemias na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2023.

ZOHAR, D. Thirty years of safety climate research: reflections and future directions. **Accident Analysis & Prevention**, Oxford, v. 42, n. 5, p. 1517-1522, 2010.

Recebido em 14 de outubro de 2025.
Aceito em 15 de dezembro de 2025.